

# AMOR PATOLÓGICO - UM ESTUDO DE CASO

Angélica Aparecida Rosa dos Santos<sup>1</sup>  
Claudia Waltrick Machado Barbosa<sup>2</sup>

## RESUMO

O presente artigo tem como base de estudo um caso de amor entre dois jovens, que inicialmente aparenta ser somente mais um caso de amor; no entanto, no decorrer do percurso alguns comportamentos começam a mudar o rumo da história. São estes comportamentos que pretendemos pesquisar e analisar, não para definir se o caso é ou não de um amor patológico, mas para compreender o processo do desenvolvimento humano que leva o sujeito a demonstrar determinados sentimentos na vida adulta. Buscar esclarecer se, de fato, a dependência afetiva tem seu início de formação na infância e quais características podem indicar se o sujeito é ou não dependente amorosamente. Consideramos o amor um tema relevante por se tratar de um sentimento que com certeza em algum momento da vida do ser humano foi possível senti-lo de forma sublime, porém para outros tantos indivíduos este mesmo sentimento trouxe algum tipo de sofrimento psíquico, o que para a Psicologia é de fundamental relevância o estudo.

**Palavras-chave:** Amor, Dependência Afetiva, Amor patológico.

## PATHOLOGICAL LOVE – THE CASE STUDY

## ABSTRACT

This article is based on a study of a love affair between two young people, which initially appears to be just another case of love; however, during the course some behavior begins to change the course of history. It is these behaviors that we intend to research and analyze, not to define whether or not the case is a pathological love, but to understand the process of human development that leads the subject to demonstrate determining feelings in adult life. To clarify if, in fact, the affective dependence has its beginning of formation in the childhood and which characteristics can indicate if the subject is or not dependent lovingly. We consider love as a relevant theme because it is a feeling that surely, at some point in the life of the human being, it was possible to feel it sublime, but for so many individuals this same feeling brought some kind of psychic suffering, which for Psychology is of fundamental relevance the study.

**Keywords:** Love, Affective Dependency, Pathological love.

---

<sup>1</sup> Acadêmica da 10ª fase do curso de Psicologia, do Centro Universitário UNIFACVEST.

<sup>2</sup> Psicóloga e pedagoga – Professora do Curso de Psicologia do Centro Universitário UNIFACVEST, Mestre em educação, especialista em terapia familiar e de casal.

## INTRODUÇÃO

Parafrazeando Lacan, onde o mesmo diz que “Todo amor é recíproco, mesmo quando não é correspondido<sup>3</sup>”, damos início ao tema deste artigo. Pois, desde a Idade Antiga, o fenômeno do amor tem despertado a atenção e promovido debate nos mais diversos campos do saber, desde o campo filosófico até a contemporaneidade, mantendo sua vitalidade e importância na vida das pessoas, assim sendo, o tema também passou a fazer parte da ciência, após um período de debates e amadurecimento do seu saber (SCHLOSSER, 2014).

Nesta perspectiva, Schlosser (2014) reitera que o contexto da Psicologia enquanto campo científico fez surgir inúmeros estudos e teorias que abrangem a temática do amor, bem como pesquisas sobre relacionamentos interpessoais, dentre os quais, o amor é o mais enfatizado. Ainda como afirmam Sternberg e Weiss (2006 apud Andrade, 2009), apesar do grande número de teorias e pesquisas, formadas por métodos e focos temáticos diversos, um único ponto de vista não é capaz de abarcar todo o entendimento do fenômeno, sendo necessária a criação de explicações fundadas em modelos mais complexos, que envolvam aspectos de diferentes origens, como variáveis psicológicas, sociais, culturais e ambientais.

O que se pode afirmar consensualmente, é que se relacionar romanticamente é parte natural do processo de vida da maioria dos indivíduos e o que realmente importa estudar, é a maneira como as diferentes formas de o sujeito amar e ser amado se caracterizam dentro dele (em relação a seus objetos e relações objetais, que estão internalizadas) e fora dele (com todas as pessoas com quem convive mais estreitamente), sempre levando em conta que os vínculos interpessoais, em grande parte, reproduzem os intrapessoais. Tudo isso, acrescido do fato de que a alteração quantitativa e qualitativa dos elementos que compõem o próprio sentimento do amor, misturado com as, igualmente, diferentes formas dos sentimentos de ódio, e com as emoções contidas no conhecimento e reconhecimento, ilustram diferentes e complexos formatos vinculares amorosos (ZIMERMAN, 2010).

---

<sup>3</sup> Jacques Allain Miller, foi um dos maiores comentadores de Lacan. Sobre a frase ele diz: “Repete-se esta frase sem compreendê-la ou compreendendo- a mal. Ela não quer dizer que é suficiente amar alguém para que ele vos ame. Isso seria absurdo. Quer dizer: ‘Se eu te amo é que tu és amável. Sou eu que amo, mas tu, tu também estás envolvido, porque há em ti alguma coisa que me faz te amar. É recíproco porque existe um vai-e-vem: o amor que tenho por ti é efeito do retorno da causa do amor que tu és para mim. Portanto, tu não estás aí à toa. Meu amor por ti não é só assunto meu, mas teu também. Meu amor diz alguma coisa de ti que talvez tu mesmo não conheças’. Isso não assegura, de forma alguma, que ao amor de um responderá o amor do outro: isso, quando isso se produz, é sempre da ordem do milagre, não é calculável por antecipação”.

Dentre tantos objetos e propósitos possíveis ao amor, pode-se encontrar um ponto em comum nessa propensão a se unir ao outro: o desejo de exercer a posse do outro de modo consecutivo e/ou de formar um todo com ele. Todos os tipos de amor também são equivalentes pelo fato de levarem o sujeito para um objeto julgado (por ele) como bom (SOPHIA, 2005).

Do ponto de vista psicológico, a procura (narcísica) por acolhimento e atenção do parceiro em um relacionamento amoroso, pode ser comparada à procura da segurança e afeto onipresente da própria relação simbiótica com a mãe, num período em que o outro e o mundo não existiam para o indivíduo como desligados dele. Na relação mãe-bebê, época da onipotência, o outro e o mundo faziam parte indistinta do Eu, ou seja, o bebê conseguia afeto e todas as suas necessidades eram instantaneamente atendidas: não havia a sensação de falta (FREUD 1976 apud SOPHIA, 2005).

Sobre essa relação de amor com base simbiótica, Alvarenga (1996, p.25) define o amor como:

Uma consequência da insatisfação estrutural, insatisfação frente ao próprio ego, que impele o ser humano na busca de ideais e cria uma ilusão de continuidade, cria a ilusão de encontrar na realidade o objeto que satisfaria o desejo. Neste sentido, a escolha amorosa pode ser uma tentativa, através do outro, de busca da completude. Assim é que, quando o outro possui determinado traço representativo do objeto perdido, parecendo responder, em sua realidade, às exigências fantasmáticas que constituem as “condições do amor”, o sujeito movimenta-se em sua direção.

Para Freud (1930/1929) apud Muribeca, 2013), nunca nos vimos tão desvalidos contra o sofrimento como quando amamos, nunca tão desamparadamente infelizes como quando perdemos o nosso objeto amado ou o seu amor. Portanto, diante da ausência, nosso afeto se mostra vulnerável e passageiro, ficando apenas a constituição do luto. Em alguns casos, porém, existe uma incapacidade, por parte do indivíduo de se escapar do objeto de sua paixão.

Para justificar a escolha deste tema podemos considerar a questão de que o amor é muitas vezes considerado, pelos seres humanos, como um dos caminhos a serem percorridos na busca pela felicidade, pois, é uma experiência na qual se pode obter a mais intensa experiência referente a uma transbordante sensação de prazer.

Assim sendo, diariamente indivíduos são levados a refletir sobre seus sentimentos principalmente quando expostos a novos vínculos interpessoais, seja diante a um amor fraternal, seja um amor romântico. Este último, por diversos motivos questionado muito mais. Questões como o que eu estou sentindo por esta pessoa é realmente amor? O que eu seria capaz de fazer para não perder o amor dele (a)? Indagações que em alguns casos acabam tendo uma resposta

não muito satisfatória, pois algumas pessoas acabam desenvolvendo um sentimento de “dependência” do outro que os leva a atos extremos em nome do “amor”.

O conceito de amor, citado por Sophia (2005) é inicialmente explicado segundo o dicionário, o qual diz que o amor é caracterizado como um sentimento que impulsiona o indivíduo para o belo, digno ou grandioso; grande afeição de uma pessoa a outra do sexo oposto; ligação espiritual, amizade; desejo sexual - tem sido descrito há séculos, por estudiosos de várias áreas do conhecimento. O primeiro deles foi Platão (427 a.C. - 347 a.C.) que, em o Banquete, configurou o amor autêntico como aquele que salva o indivíduo do sofrimento e encaminha sua alma ao banquete divino e sugeriu a distinção deste com o amor possessivo, que persegue o outro como um objeto a devorar.

Immanuel Kant (1724-1804) retomou este conceito e sugeriu que somente o amor-ação (altruísta) é aceitável, uma vez que inclui preocupação verdadeira e sem interesse pelo bem-estar do outro; o amor-paixão (egoísta), segundo a filosofia kantiana, é impossível de controlar, se relaciona aos interesses próprios e comporta disparate e desprezo pelo outro (SOPHIA, 2005).

Sobre a possibilidade de o amor ser uma das mais claras expressões de nosso egoísmo, ou egocentrismo, Nietzsche (2002), dizia que todos acreditamos querer a pessoa amada e que ao acreditar que a queremos também acreditamos que esta é a solução para todas as nossas necessidades, ou para todas as necessidades de nossos sentimentos. Segundo a estudiosa de comportamentos amorosos Brendali Bystronski (1992/1995 apud Sophia, 2005), é no ambiente das relações interpessoais que o ser humano vive suas mais fortes emoções, dentre elas o (des) prazer e a (in) felicidade resultantes do amor experimentado como algo saudável ou como algo patológico.

Para Ballone (2007), na medida em que os desejos de domínio sobre os sentimentos da pessoa amada não são controlados, não são cautelosamente refreados, surge uma expressiva inclinação para a posse, para o domínio da pessoa amada. Atitudes assim fogem ao controle e escapam da razão, tendo como veículo de motivação o amor. O autor ainda acrescenta que quem sofre ou faz sofrer, contudo, não é o amor em si, mas a pessoa que remete para o sentimento amoroso suas alterações psíquicas, seja dos traços de sua personalidade, seja de suas perturbações e complexos interiores. Não são raras as pessoas que, resistindo ao bom senso e a crítica razoável, deixam tudo para viver um grande amor, aumentando perigosamente a possibilidade de serem infelizes, ainda que amando.

Sobre os riscos que assumimos ao entrarmos em um relacionamento amoroso, Bauman (2004) esclarece que o amor não encontra seu significado no que está pronto, pois nunca

sabemos ao certo qual será o seu fim; por conseguinte, quando amamos nos apropriamos também dos riscos e das indefinições existentes. A ambiguidade da relação amorosa acontece por vivermos nessa individualização, já que o amor é incapaz de se satisfazer individualmente, assim a ambiguidade no amor está presente, uma vez que significa a liberdade em escolher aprisionar-se voluntariamente.

Ainda segundo Bauman (2004), existem diferenças significativas entre amor e desejo. Enquanto o desejo quer absorver, desviar-se ao aprisionamento amoroso, o amor quer possuir, cuidar, preservar o objeto amado, impulsionar-se na eternidade. Essa tentativa de posse prende o objeto amado, como forma de protegê-lo. Para ele, o que amamos é, na verdade, a esperança de sermos amados, de sermos reconhecidos. Quando o desejo de ser amado não é correspondido na mesma proporção, o indivíduo pode acabar tornando-se obsessivo sobre este sentimento, Ballone (2009) ressalta que quando deixa de haver manejo no amor, quando se compromete a liberdade de conduta ou quando esse sentimento passa a ser absoluto e em detrimento de outros interesses e atitudes antes apreciadas, podemos estar diante de um quadro chamado Amor Patológico (Norwood 1985)<sup>4</sup>. Nessa patologia do amor a obsessão em pensar consecutivamente na pessoa amada faz sofrer muito, principalmente diante de tudo aquilo que prejudique, impeça ou atrapalhe a vivência de seu amor.

Neste sentido, o presente estudo fez-se necessário na tentativa de ampliar o conhecimento sobre alguns conceitos que envolvem o tema “amor”, bem como seu percurso até o ponto de se tornar uma dependência e uma obsessão e, por conseguinte uma patologia. Para tanto, Neves (2013) comenta que, um dos conflitos centrais da atualidade envolve o anseio de homens e mulheres pela instalação de laços que lhes confirmem algum sentimento de pertencimento e segurança, mas, ao mesmo tempo, é evidente que ambos, homens e mulheres, desconfiam da condição de permanecerem juntos, sobretudo permanentemente, pois não sabem se estão dispostos ou se conseguirão enfrentar as contrariedades e tensões de uma vida em comum e, ainda, se estão disponíveis para abrir mão da liberdade individual, tão valorizada e prezada na contemporaneidade. Tais conjecturas partem de Bauman (2004), que em sua obra *Amor Líquido*, salienta a fragilidade dos laços humanos e o quanto esta tem causado insegurança e criado conflitos no sentido de os sujeitos permanecerem divididos entre "apertar" tais laços ou "afrouxá-los".

---

<sup>4</sup> Norwood (Robin Norwood é terapeuta conjugal e conselheira pedagógica. Especializou-se no tratamento de padrões mórbidos de relacionamento amoroso. Escritora do best-seller internacional “Mulheres que amam demais”).

Freud (1930/1980), em "O mal-estar na civilização" (1930), descreve a busca pelo amor não apenas como um caminho para se atingir a felicidade, pois reconhece nesse sentimento um dos componentes fundantes da civilização. Ao perceber que suas necessidades eróticas apresentavam-se constantemente, o homem uniu-se a uma mulher e formou uma família (NEVES, 2013).

O amor é uma emoção agradável que dá possibilidade a um estado de tranquilidade e estabilidade emocional, permitindo o acesso a uma ligação feliz e saudável entre duas pessoas. Se numa relação, que consideramos equilibrada, existir alguma ameaça, surge o ciúme como um instrumento de defesa na proteção da relação, preservando a exclusividade da relação um com o outro. Quando esta suspeita de perder o que considera de bom o amedronta, persegue e cega, então o ciúme assume uma especificação patológica. A imaginação, a fantasia e o delírio passam a comandar o receio de perder o ser amado, e aumenta-se a necessidade de proteger a relação, tornando-se num amor obsessivo (LINO, 2009).

Outramari (2009 apud Domingues, 2013), expõe que amor não correspondido é uma característica marcante nos relacionamentos da cultura ocidental, e que invade muitas outras ao redor de todo o mundo. As pessoas quando encontram o objeto amado acabam por se suprimirem em favor do outro, formando uma relação de dependência com ele. Ocorre uma sensação de ausência de realidade por parte dos amantes. É indiscutível que a perspectiva do amor está contida em todos os aspectos da humanidade e que ele é responsável por causar uma mistura de emoções na vida de um sujeito. É fato também que o amor possui um histórico de conceitos idealizados, mágicos e perfeitos, entretanto, quando é elencado como construção prática, os fatos desconstroem a regra (DOMINGUES, 2013).

Como fatores que extrapolam a regra da sublimação no amor podem-se citar dois casos, um mais antigo e outro mais recente: o exemplo recente diz respeito ao fato ocorrido no dia 21/06/2016, no nono andar do hotel Caesar Business, em Belo Horizonte, por volta de 14h. Ana Hickmann<sup>5</sup> estava em seu quarto, quando seu cunhado Gustavo foi abordado por Rodrigo Augusto de Pádua, 30 anos, que estava armado e o obrigou a levá-lo até o quarto da apresentadora. Ana foi ofendida e ameaçada pelo infrator no quarto do hotel, e juntamente com Gustavo e a mulher dele, Giovana Oliveira, que também é assessora de Ana, foi obrigada a ficar de costas. Quando Gustavo reagiu e entrou em luta corporal com o bandido, ele fez dois disparos

---

<sup>5</sup> Ana Lúcia Corrêa Hickmann, é modelo, apresentadora e empresária. Virou modelo aos 15 anos. Desfilou para grifes como Empório Armani, Versace, Prada e Victorias Secret. Em 2004, ela começou como apresentadora de televisão no programa: Tudo a Ver, da Record, e atualmente comanda o programa: Tudo é Possível, na mesma emissora. A apresentadora é casada com o empresário Alexandre Corrêa.

que atingiram Giovana no braço e no abdômen. Na briga, Gustavo conseguiu desarmá-lo e disparar três tiros contra ele, que morreu no mesmo momento. De acordo com a irmã do agressor, seu irmão agiu impulsionado pelo amor que sentia pela apresentadora e pela vontade de poder receber um pouco de atenção e carinho dela, “ele era um fã obcecado” e agiu “por amor” e “não por maldade”. “Não vamos esquecer que ele foi impulsionado pelo amor<sup>6</sup> que tinha por ela, em seu mundo ele sofria muito com tudo isso... só quem convivia com ele sabe o que estou dizendo. O amor levou o meu irmão a tudo isso, não à maldade e crueldade como estão falando.” (ELAINE DE PÁDUA, irmã do agressor), (Fonte: Priscila Bessa, Do EGO, no Rio de Janeiro/2016).

Um caso que também chamou atenção da sociedade em relação a violência causada por quem se dizia apaixonado pela vítima foi o caso de Eloá, ocorrido em 2008. Lindemberg Alves Fernandes, de 22 anos, inconformado com o fim do relacionamento, invadiu o apartamento da ex-namorada Eloá Cristina Pimentel, onde a jovem estudava na companhia de três amigos – Nayara Rodrigues da Silva, Iago Vilera e Victor Campos. Após fazer ameaças, o sequestrador libertou os dois rapazes naquela mesma noite. No dia seguinte, Nayara chegou a deixar o local, mas, numa atitude inesperada, retornou ao cativo para ajudar nas negociações. Durante cerca de 100 horas, o país acompanhou o drama das duas jovens que terminou de maneira trágica. O sequestro se arrastou até o início da noite de 17 de outubro, quando a polícia invadiu o apartamento. Acuado, Lindemberg disparou contra as meninas. Eloá, de 15 anos, morreu com um tiro na cabeça e outro na virilha (© 2013. Todos os direitos reservados a Globo Comunicações e Participações S.A).

Diante de casos como estes e de tais prerrogativas sobre o amor é que se pretenderá, através de revisões bibliográficas e análises de literatura buscar maiores conhecimentos e assim possibilitar uma melhor compreensão, acerca do questionamento: é possível que um sentimento visto como sublime e virtuoso, representante do bem, do prazer e da alegria possa também ser causador de dor, sofrimento e até mesmo de violência e morte?

Neste caso aqui apresentado, vamos discutir o amor patológico tendo como cenário a dependência emocional e, como pano de fundo o mister que esconde uma relação entre duas

---

<sup>6</sup> Nas redes sociais, Rodrigo tinha um perfil dedicado a Ana Hickmann onde escrevia declarações de amor e falava sobre não ser correspondido por ela. "Ana Hickmann, meu amor, eu estou muito triste porque você gostar de me ver assim e ainda brinca com isso? Eu quero seu carinho, seu amor, não quero ser magoado! Eu te dou tanto amor, sou tão bom para você e os meus dias estão desse jeito. Não estou dormindo direito, meus dias estão uma merda e a minha saúde indo para casa do. Obrigado mesmo", escreveu ele em um dos posts. Ele também usava o Twitter para tentar se aproximar de Ana. Rodrigo tinha pelo menos três contas na rede social onde falava apenas sobre a apresentadora. "Há mais de um ano que é você e só você. Eu penso, sonho e suspiro somente por você, meu amor! Meu amor! Meu amor! Meu amor", escreveu ele em dezembro de 2015.

peessoas que deveria ser apenas mais um caso de amor, mas que na verdade se transformou em uma relação conflituosa entre dois jovens. Mas antes de apresentar o caso, ainda temos que transpor o contexto teórico que sustenta este estudo.

Para falar sobre o ser humano e suas atribuições na vida adulta e posteriormente na vida amorosa, partiremos inicialmente da ideia de que todo ser humano é um ser definido pelo desamparo, surge num mundo apinhado de significantes enigmáticos, dependendo por completo de outra pessoa para a satisfação de suas necessidades. Portanto, é desde o ato mesmo do nascer, que o lactante necessita da prioridade do outro adulto em sua existência (MURIBECA, 2013).

Sobre o estágio do desenvolvimento emocional inicial, Winnicott (1960 apud Rocha, 2006) postula que há uma dependência plena do indivíduo em relação ao ambiente físico e emocional. No princípio, o bebê não manifesta nenhum sinal de que concebe sua dependência. Na medida em que amadurece, o bebê adquire a capacidade de manifestar suas necessidades e, assim, caminha para a dependência relativa do ambiente. Nesse estágio de desenvolvimento emocional ocorre uma falha gradual da adaptação materna. Aos poucos, com a desadaptação gradativa do ambiente, o bebê vive uma independência relativa, pois segundo os estudos de Winnicott, enquanto estiver vivo, o indivíduo estará sempre dependente do ambiente e das pessoas que o integram.

Nesse âmbito, o fator biológico da etapa prematura da constituição do humano dá lugar às primeiras situações de perigo e ao imperativo categórico de ser protegido e amado, instigando-o a uma persistente e implacável busca desse outro enigmático da sedução originária. Isto implica para o infante assentir a onipotência daquele que ocupa a função materna, posição indispensável na qual o binômio: mãe e filho configuram uma unidade que resulta inseparável. No entanto, faz-se necessário que ambos se submetam à operação diferenciadora e individualizante da separação, para que a criança possa vir a ser uma alteridade. E é exatamente nesse processo de Separação X Individuação que acontecerá o enfrentamento do sujeito com a falta. A partir dessa divisão, o ser humano tentará incessantemente retomar uma mitológica completude perdida, sem sucesso, sofrerá sempre as marcas do desencontro, sustentando uma falta que lhe é elementar e essencial do humano (MURIBECA, 2013).

Diante desta falta incessante o ser humano buscará incansavelmente o objeto perfeito que possa preencher esse espaço, que possa completar e então buscará estabelecer uma relação amorosa com outro sujeito. No começo de uma relação, aparecem fantasias, idealizações e estas podem representar a oportunidade de restabelecimento do narcisismo ferido. Um desejo de que um outro, com os mesmos desejos, venha resgatar para sempre da condição da falta, recuperar

a onipotência. Contudo, o outro escapa, ganha corpo e existência concreta para além das fantasias. Constatamos que o outro não pode estar sempre e não pode dar tudo. A realidade se insere mais uma vez e divulga a falta que estava sendo negada. Rememora-se a decepção do bebê que perde a condição de único no desejo da mãe (OLIVEIRA, 2006).

Sobre esse amor dependente, Lino (2009) afirma que o mesmo é, muitas vezes, relativo à percepção das necessidades não satisfeitas na infância. O amor dependente intenso é acompanhado com frequência por uma baixa autoestima. A obsessão é apresentada sob a forma de paradoxo. Ao mesmo tempo que se tenta obter o controle sobre as próprias vidas é dado esse controle a forças exteriores. Essa ânsia de controlar e o receio de perder o controle deriva do medo: medo da dor; medo da privação; medo de desiludir alguém; medo de falhar; medo da culpa; ira ou rejeição; medo de estar só; medo de ficar doente ou de enlouquecer e medo da morte.

De forma particular, se poderia dizer que por trás de toda dependência há medo e, mais atrás ainda, algum tipo de incapacidade. Por exemplo, se sou incapaz de tomar conta de mim mesmo, terei medo de ficar só e me apegarei às fontes de proteção disponíveis representadas por diferentes pessoas. O apego é o amparo preferido do medo, um tranquilizante com arriscadas contraindicações (RISO, 2009).

Para Klein (1937), mesmo na criança pequena pode-se verificar uma preocupação com o objeto amado que não é, como se poderia pensar, simplesmente sinal de dependência em relação a uma pessoa amiga e prestativa.

Tanto na mente inconsciente da criança quanto na do adulto, ao lado dos impulsos destrutivos há uma intensa ânsia de fazer sacrifícios, a fim de amparar e recompensar as pessoas amadas que foram feridas ou destruídas na fantasia. Nas profundezas da mente, o desejo de deixar as pessoas felizes ligado à forte sensação de responsabilidade e de preocupação com elas, que se evidencia através da solidariedade legítima com os outros e da aptidão de compreender como elas se sentem (KLEIN, 1937, p.352).

Para Freud (1914 apud Ferreira, 2010) o estar apaixonado constitui-se num fluir da libido do ego em direção ao objeto. Sendo capaz de retirar as repressões e de inserir as perversões. Enaltece o objeto sexual transformando-o num ideal sexual. Em razão do que com o tipo objetual (ou tipo de ligação), o estar apaixonado acontece em virtude da realização das condições infantis para amar, podemos dizer que qualquer coisa que satisfaça essa condição é idealizada.

Sophia et al (2007 apud Domingues, 2013) relata que nos relacionamentos amorosos saudáveis ocorrem a preocupação do cuidado e da atenção em relação ao parceiro, porém

quando essas atitudes sofrem certo desequilíbrio, ocorre um problema denominado amor patológico. O indivíduo com amor patológico espera que o companheiro traga significado para sua vida, e em uma linguagem psicológica, a essência do amor patológico parece não ser mais o amor, e sim o medo – de não ter valor, de ficar só, de ser abandonado, de não ser amado.

Neste caso, o termo patológico, segundo Dorsch, Hacker e Stapf (2008 apud Rodrigues, 2009) seria referente à doença ou conhecimento das doenças, que na filosofia, Kant o associa ao instintivo, passivo, não autônomo, e essa ausência de autonomia seria o ponto desse tipo de amor dependente, pois tudo que um ser humano deveria desejar seria ter autonomia nas relações amorosas, onde sem dúvida dar e receber afeto e atenção aconteceria em reciprocidade.

## **METODOLOGIA**

Segundo Oliveira (1999), um método é um conjunto de processos pelos quais se torna possível conhecer uma determinada realidade, produzir determinado objeto ou desenvolver certos procedimentos ou comportamentos. O método científico caracteriza-se pela escolha de procedimentos sistemáticos para descrição e explicação de uma determinada situação sob estudo e sua escolha deve estar baseada em dois critérios básicos: a natureza do objetivo ao qual se aplica e o objetivo que se tem em vista no estudo e, que neste caso foi pesquisar de que forma um sentimento como o amor, conhecido como sublime e virtuoso, pode ser também causador de dor e sofrimento (FACHIN, 2001).

Neste artigo optou-se em adotar o modelo proposto por Raupp (2004, p.79), no qual o delineamento da pesquisa é classificado de acordo com a tipologia adotada. As pesquisas foram agrupadas em três categorias: quanto aos objetivos; quanto aos procedimentos; e quanto à abordagem do problema.

Quanto aos procedimentos, adotamos como método de investigação o estudo de caso. Este consiste em um estudo detalhado de um ou mais objetos, sua investigação é complexa, pois busca um conhecimento profundo e exaustivo e desta maneira permite uma ampla visão do funcionamento daquilo que se pesquisa. Um dos propósitos de um estudo de caso é tentar entender as possíveis relações de causação entre variáveis dentro de um sistema complexo e investigar na realidade as situações limítrofes, estas que não são claramente definidas (GIL, 2002).

No que se refere à abordagem do problema, Raupp (2004, p. 93), apresentam as pesquisas do tipo qualitativa e quantitativa. Os mesmos autores descrevem que na pesquisa qualitativa ocorrem análises mais profundas em relação ao fenômeno estudado e a abordagem

qualitativa visa destacar características por meio de um estudo quantitativo e pode ser uma forma adequada para conhecer a natureza de um fenômeno social.

O Método do Estudo de Caso enquadra-se como uma abordagem qualitativa. Pesquisas de natureza qualitativa envolvem uma grande variedade de materiais empíricos, que aqui aplicados num estudo de caso, que contemplam experiências pessoais, histórias de vida, relatos de introspecções, produções e artefatos culturais, interações, enfim, materiais que descrevam a rotina e os significados da vida humana.

Quanto aos objetivos, foi utilizada a análise de conteúdo, que pode ser entendida como “um método de tratamento e análise de informações, colhidas por meio de técnicas de coleta de dados, evidenciadas em um documento. A técnica se aplica à análise de textos escritos ou de qualquer comunicação (oral, visual, gestual) reduzida a um texto ou documento” (CHIZZOTTI, 1991, p.98).

Apesar dessa definição, Bardin (1977, p.31) ressalta a dificuldade de se compreender a análise de conteúdo como um método uniforme, alertando para o fato de que trata-se, antes, de “um conjunto de técnicas de análise das comunicações”. Por isso, complementa, deve-se entender a análise categorial não como um instrumento, mas “um leque de apetrechos; ou, com maior rigor, será um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações”.

## **COLETA DE DADOS**

O caso que será aqui descrito afim de servir de base para análise e referência deste estudo, ocorreu entre dois jovens estudantes universitários. Antes de iniciar a descrição do caso torna-se relevante entender o cenário que permeia o universo amoroso, pois, apesar da correria diária e da busca incessante por conquistas que permitam qualquer tipo de realização pessoal ao ser humano, o amor, mesmo não sendo o centro e encontrando-se, muitas vezes, “por trás das cortinas”, não perde seu valor ou sua essência, sendo considerado ainda, a maior influência para alcançar o ápice da realização pessoal e o alicerce da felicidade individual. Seja antes ou depois das prioridades sociais, o amor tem sobrevivido com grande força e sempre vem acompanhado de componentes que complementam sua existência como carinho, companheirismo, cumplicidade, família, prazer sexual, etc. Em suma, é a parte basilar da vida humana, o amor sensível é maior que qualquer paixão terrena, além de eterno (RIOS, 2008).

O narrador da história é um jovem rapaz que aqui citarei com o nome fictício de Cícero, que contribui para este estudo relatando sua história de amor. O mesmo inicia seu relato

contando como conheceu sua amada. *“Eu conheci ela no facebook. Começamos a conversar, daí eu fui me interessando por ela. Ela era legal. Gostava das mesmas coisas que eu. Conversamos durante um longo tempo. Só depois nos encontramos. Foi bem legal. Saímos para jantar e tudo começou. Saímos algumas vezes. Depois de uns 3 meses é que começamos a namorar. Ela veio aqui em casa. Todos gostaram dela.*

O início de um relacionamento em qualquer instancia, é permeado por diferentes sentimentos, sensações e perspectivas. (Foucault, 1985, citado por Rios, 2008, p. 46), comenta sobre o tema;

O desejo amoroso se espalha e contamina qualquer ambiente, dando-lhe contornos eróticos ou amorosos – amizades, parcerias, paqueras, casos, namoros. O amor transborda os limites da vida privada e desliza nos interstícios da vida pública, com registro semelhante ao da sexualidade.

Esse amor romântico surge no contexto da humanidade como fenômeno social, lado a lado com o individualismo (FOUCAULT, 1986 apud RIOS, 2008) e os processos do amor tornam-se fundamentais para a formação e manutenção da identidade (COSTA, 1998, citado por RIOS, 2008).

Mas no caso aqui apresentado, não estamos falando de um amor puramente romântico, mas sim de um amor que transcende o romantismo, onde se instala a patologia. Para ressaltar este pressuposto, podemos dizer que, o ser humano é frustrado quando almeja a qualquer custo alcançar o modelo romântico tão ideal quanto impossível; vivendo de forma passiva e infeliz e exteriorizando que a vivência concreta é bem diferente da proposta inicial, deixando claro que quanto maior a expectativa depositada no companheiro e a renúncia do eu, diretamente proporcionais são suas frustrações.

Esta ideia pode ser observada na fala de Cícero. *No começo eu não percebi nenhum tipo de comportamento que me causava desconforto. Ela era divertida. Mas depois de um tempo, ela começou a mudar, só queria que eu ficasse na casa dela. Começou a me cuidar, não deixou eu ir na academia, nem conversar com meus amigos. Ela não queria que falasse com meu irmão mais velho. E depois com meu outro irmão. Depois não queria que eu conversasse com meu pai e minha mãe. Me telefonava o dia inteiro. Eu não podia ficar sem responder as ligações e as mensagens que ela ficava brava. Não deixava eu fazer os trabalhos da faculdade com minhas amigas. Só com os meninos. Só que não dava, era o professor que montava os grupos. Depois começou a gritar comigo. Dizia que eu não ia ser nada. Me chamava de lixo. Depois eu tinha que fazer os trabalhos da faculdade dela. Às vezes deixava os meus para fazer os dela.*

Outramari (2009) comenta que o amor vive em uma busca contínua e nunca alcança sua finalidade. O amante quer ser fruto de uma única possibilidade, de algo pré-determinado e ao sentir que foi escolhido pelo amado entre tantos outros, sente-se desvalorizado e mais uma vez frustrado. Contudo, sugere-se que as concepções de amor vividas hoje são caracterizadas por ilusão e realidade, ganhos e perdas, altos e baixos, felicidade e sofrimento (COSTA, 1999 apud PRETTO et al, 2009).

De acordo com Outramari (2009), há que se compreender que mesmo com significados e vivências práticas diferentes, a paixão e o amor se relacionam de maneira direta e se aproximam muito. Há constantemente uma busca pelo sujeito amado sempre com expectativas de que os sentimentos do início do relacionamento se perpetuem. Seguindo o pensamento do autor podemos observar pela fala de Cícero, que o desejo de um amor perpetuado entra em conflito quando este se quebra, quando o outro não corresponde a expectativas.

*Eu comecei a perceber que meu relacionamento não estava mais sendo prazeroso depois que ela começou a proibir eu de falar com minha família. Eu não podia fazer nada. Só o que ela queria, do jeito dela. Pegava todo o meu dinheiro, me fez fazer dívidas. Dizia que ia pagar minhas contas, pegava meu dinheiro e gastava tudo e não pagava minhas contas. Comecei a ficar endividado. Mas não contava para minha família. Achava que ela ia mudar. Qualquer coisa que eu fazia que ela não gostava, ela gritava, me bloqueava e não falava comigo.*

Ainda que na prática o idealismo inicial normalmente não se realize, existe, entretanto, uma tentativa por parte dos amantes e amados de aproximação com aquilo que é mágico e permanece dentro de suas expectativas, portanto não se deve abolir as possibilidades. BEAUVOIR (1990) apud PRETTO et al (2009), comenta:

O amor autêntico deveria assumir a contingência do outro, isto é, suas falhas, seus limites, sua gratuidade original; não pretenderia ser uma salvação e sim uma relação inter-humana. Acrescenta ainda, [...] deveria assentar no reconhecimento recíproco de duas liberdades; cada um dos amantes então se sentiria como si mesmo e como o outro: nenhuma abdicaria sua transcendência, nenhum se mutilaria; amados desvendariam juntos no mundo valores e fins. Para um e para outro, o amor seria uma revelação de si mesmo pelo dom de si e o reconhecimento do universo.

Desde os mitos ou sua evolução na civilização, o amor se manifesta não apenas como algo intrínseco do ser humano, mas também como uma construção social cercada de padrões, valores ou práticas inerentes de uma determinada sociedade. Conversar a respeito do amor, então, envolve, além do sujeito, a condição social em que ele se encontra, a qual determina quem ele é dentro do meio em que vive.

Apesar das inúmeras formas práticas de amar constituídas na sociedade, o sentimento amor tem dirigido escolhas, caminhos, destinos e muitas vezes é responsável tanto pelas felicidades do ser humano quanto por suas feridas; tanto pela saúde das pessoas quanto por sua consumação. (OUTRAMARI, 2009; RIOS, 2008).

Diante deste contexto, entendemos que as pessoas estão sim em busca de relações amorosas, mas são influenciadas cada vez mais pelo padrão comercial, onde há um descarte desses vínculos em busca de outros que prometam maior satisfação pessoal e individual e menos esforço, já que além das frustrações concebidas pela falta do outro, a forma de se doar também se encontra inadequada e insuficiente.

Na fala de Cícero podemos observar, a decepção na quebra da idealização do relacionamento. *Eu ficava triste. Eu ia atrás dela. Daí ela voltava. Eu não queria terminar o namoro, achava que ela ia mudar com o tempo. Mas depois que ela me agrediu na rua, comecei a escutar um pouco minha família. Ela foi na casa da minha vó e queria bater no meu irmão, porque ele me cobrou um dinheiro que eu devia para ele. Não podia contar para ninguém que era para ela o dinheiro. Eu não dormia mais, tinha que ficar só no quarto falando no facebook com ela. Eu perdi muito peso. Ela não deixava eu comer. Me trancava na casa dela e não me oferecia comida. Passei muita fome. Ela comia na minha frente e não deixava eu comer. Ela me ofendia, mas eu ainda gostava dela.*

Uma das causas para as crises amorosas é a presença da insegurança, que causa tanto mal-estar. O ser humano busca ininterruptamente por segurança e garantias. Como dito anteriormente, o que as pessoas pensam/sentem, muitas vezes não conseguem pôr em prática. Mesmo com a constatação do amor “líquido” no mundo moderno, ainda é característica intrínseca do ser humano a fuga da fragilidade dos laços sentimentais.

Deschamps (2003) citado por Outramari (2009, p. 103), diz que:

O ser humano introduz cada vez mais as emoções decorrentes da paixão em seus relacionamentos, porém os componentes do amor romântico se mostram muito presentes nas trocas amorosas em virtude da segurança e confiança impregnadas nele.

Embora haja a fluidez do amor nos tempos modernos, é inerente do ser humano a necessidade de um arranjo emocional que defina uma aliança forte a fim de conquistar sobrevivência prática, ainda que os fatos discordem dessa afirmação. O encantamento amoroso também é racional, fundado na ideia de encontrar algo que complete aquilo que falta em si mesmo, mas na contemporaneidade as pessoas estão cada vez mais cheias de ego, obcecadas pelo seu eu, o que impede a conciliação entre suas necessidades e a conquista delas.

Existem muitos paradigmas e contraposições a respeito do amor, de seus conceitos e de sua prática em meio à sociedade, afinal ele se encontra em sujeitos imperfeitos e em constante transformação, motivo pelo qual deve ser continuamente estudado e tratado com seu devido valor. Ainda que vivenciado como sentimento, com conceitos pré-determinados, sua construção social ainda é condicional.

É evidente que a perspectiva do amor está presente em todos os aspectos da humanidade e que ele é responsável por gerar uma mistura de emoções na vida de um sujeito. Discutimos que o amor possui um histórico de conceitos idealizados, mágicos e perfeitos, entretanto, quando é pautado como construção prática, os fatos desconstroem a regra. O amor como causador de sofrimento não é um tema inédito nas histórias amorosas da vida humana, pelo contrário, é um aspecto bastante recorrente desde o mundo midiático à realidade. É relevante, então, conversar a respeito das causas, características e talvez possíveis consequências de um sofrimento causado pelo amor ou quem sabe, pelas relações amorosas.

Outramari (2009) expõe que amor não correspondido é uma característica marcante nos relacionamentos da cultura ocidental, e que invade muitas outras ao redor de todo o mundo. As pessoas quando encontram o objeto amado acabam por se anularem em detrimento do outro, formando uma relação de dependência com ele. Ocorre uma sensação de ausência de realidade por parte dos amantes. Enquanto nos amores malsucedidos, Pretto et al (2009, p. 78) diz que “os amantes consideram a existência de muitos obstáculos e dificuldades para a realização existencial de si, o que gera insatisfação e angústia na relação”.

Silva (2008) ainda relaciona inicialmente o amor com a melancolia e a mania, os quais poderiam ser confundidos entre si, mas descarta tais possibilidades, entretanto não isenta que ele possa ser relacionado com outras psicopatologias. Ele deixa claro que o amor parece não ser curável, que seu único remédio se encontra em si mesmo, além dele ser parcial, instável e finito.

É essencial que o comportamento do portador dessa patologia seja repetitivo e sem controle de prestar cuidado e atenção querendo essencialmente reciprocidade. O sujeito com amor patológico acredita que o companheiro trará significado para sua vida, e em uma linguagem psicológica, a essência deste tipo de relação parece não ser mais o amor e sim o medo – de não ter valor, de ficar só, de ser abandonado, de não ser amado.

O relacionamento patológico de Cícero é interdito por sua mãe. *Minha mãe passou a não gostar dela. Eu evitava contar as coisas para minha mãe. Mas como eu vivia triste, minha mãe começou a conversar comigo, mas no início eu ficava irritado com ela. O namoro terminou por causa da minha mãe. Ela foi um dia me buscar na casa da namorada. Eu estava nervoso e*

*minha mãe foi atrás. Deu um “bafão”, mas depois que eu estava em casa, conversei com minha mãe e ela me mostrou que não estava certo. Minha vó, meus irmãos, minha tia, ninguém queria que eu ficasse com ela.*

O término do namoro de Cícero trouxe uma série de sentimentos e emoções, podemos dizer de uma ambiguidade de sensações. Atualmente ele não está namorando, mas busca um dia encontrar alguém para amar e ser amado. *Hoje eu não estou mais com ela e vejo o quanto fui tolo, que minha família tinha razão. Me acho um idiota de ter ficado com ela e aguentado tudo. Ainda bem que terminei. Mas agora vou tocar a minha vida, não quero nem saber de falar dela. Agradeço a minha mãe por me tirar da casa da namorada aquele dia. Minha família é muito legal, meu pai e minha mãe são muito bacanas comigo. Meus irmãos são muito ligados comigo. Era esse o problema, eu sempre fui grudado com meus irmãos e não podia mais falar com eles. Nem jogar bola com o meu irmão mais velho. Somos unidos e gostamos de estar juntos. Minha família é tudo para mim. Sobre o amor acho que amor é ter alguém para curtir a vida, ser feliz, querer estar junto. Espero encontrar alguém que me ame como sou e que goste de mim. Que me faça feliz e eu também possa fazer ela feliz”*. A solidão consiste num estado, uma conjuntura necessária em muitos momentos da vida, mas que por vezes se torna um ideal de ser. Desde os primórdios e, agora, na atualidade, uns têm sofrido por amor, enquanto outros têm padecido por sua falta (BIRMAN, 2001 apud RIOS, 2008).

Com efeito, habitamos em um mundo onde o fracasso é predominante nos relacionamentos, onde relações intersubjetivas não são dotadas de credibilidade e onde o sucesso amoroso tornou-se impaciente e tedioso. Nesse contexto, a figura da coletividade dá lugar ao eu excessivo dotado de uma identidade particular, tendo em vista que é na falta do amor que o individualismo se forma e fundamenta a existência humana (COSTA, 2004 apud RIOS, 2008).

É notório que aqueles que sofrem por não amar ou por faltar-lhes o amor são, em grande parte, pessoas incrédulas de ideias que vislumbram um mundo perfeito, são amantes de si mesmo, de modo a não precisar que outros a satisfaçam. Tais pessoas vislumbram o amor romântico de forma meramente fantasiosa, aquele existente tão somente nas novelas. Subjetivamente, se o amor não acontece, na literalidade do termo, melhor estar só. É como, sabiamente, ressalta, Goethe (2000, p.112), citado por RIOS (2008, p. 98):

Ah, ninguém me poderá dar o amor, a alegria, o calor e o prazer, se tudo isso não estiver dentro de mim mesmo, e com um coração repleto de felicidade não poderei fazer feliz a outrem, se ele permanecer frio e sem forças diante de mim.

Vê-se, pois, que o ser só se materializa na sua autossuficiência e onipotência, alimentando em si a desnecessidade de alguém que lhe complete. Na realidade, a aversão a mudanças, o medo de sofrer e a intolerância às pessoas são os grandes pilares e justificativas para uma vida solitária. Depreende-se então que a falta de amor também pode conduzir o ser humano, dirigir escolhas, fazer e desfazer a saúde. Se as pessoas não amam sofrem porque não tem com quem compartilhar o que tem, e se não são amadas, não adianta ter o que compartilhar (RIOS, 2008).

Para podermos analisar o caso de Cícero parece-nos necessário conhecer um pouco mais sobre quem é este rapaz e como se comportava em determinadas situações. Sobre sua infância ele relata que: *“minha infância foi muito legal, eu brinquei bastante com meus irmãos. Minha família sempre foi muito bacana. Meu pai e minha mãe sempre foram muito presente na minha vida. E eu e meus irmãos sempre nos demos bem. Eu tenho um irmão gêmeo. Com ele sempre foi legal, fizemos tudo junto. Mas meu irmão mais velho, sempre foi um espelho para mim. Meu pai e minha mãe sempre conversaram comigo. Meu pai sempre contou como conseguiu vencer na vida, tenho muito orgulho dele. Quando era criança, ele levava nós para passear no domingo de manhã, era muito bom. Minha mãe fazia bolo coberto com doces para nós, tenho saudade. Até hoje ficamos conversando todos juntos até tarde. Quando meu irmão vem aqui em casa nós sentamos na cozinha e lembramos das bagunças que fazíamos quando pequenos. Quando estava namorando com a “louca”, ela fez eu me afastar da minha família, não queria que eu falasse com meus irmãos. Falava do meu pai e da minha mãe. Eu ficava triste, porque minha família é tudo pra mim. Aqui na minha casa tenho muitos amigos, crescemos juntos e até hoje somos amigos. Na escola tinha bastante amigos. Me dava bem com todos. A primeira vez que entrei na escola foi bem legal. Meu irmão já estudava no Univest e eu fui com meu irmão gêmeo, nós aprontamos muito na escola. Trocamos de lugar e os professores confundiam nós dois, daí colocaram nós na mesma sala. Eu adorava estudar no Univest. Sempre foi bacana. Eu sempre gostei da escola”*.

A história de Cícero vivida em sua infância reflete o que Freud (1930 apud Ferreira, 2010) considerou como o que a maioria dos seres humanos busca para sua vida adulta. Segundo este autor, existe uma técnica de viver na qual os seres humanos persistem com o objetivo de buscar a felicidade do modo como a encontraram pela primeira vez. Estamos falando aqui do modo de vida que coloca o amor como o centro de tudo, que visa à satisfação em amar e ser amado.

A despeito de seu relacionamento com sua mãe, Cícero conta que: *“nunca fiquei longe da mãe. Ela ficava em casa com a gente. Eu tinha uma babá, quando a mãe saía, ela ficava*

*com a gente. Mas quando a mãe saía com o pai, e a tata ficava com a gente era bem legal, eles deixavam dinheiro para comer pizza. A mãe foi trabalhar fora depois que nós crescemos, hoje ela fica muito tempo fora. Estudou fora por alguns anos, ia final de semana, mas o pai ficava com a gente, e aí era só bagunça. Quando ia para o salão da vó trabalhar, levava nós. Era muito legal ficar na vó. Vou lá todos os dias até hoje. Minha mãe é muito legal, as vezes é chata, com a folia de limpeza. Mas ela é bacana”.*

E sobre a fase de sua adolescência, Cícero comenta que: *“eu não gosto muito de sair, nunca gostei. Não gosto de balada. Não gosto de bebida alcoólica. Mas às vezes que saí foi com meu irmão mais velho e depois saí algumas vezes com meus amigos, foi legal. Sou tímido, isso me atrapalha, tenho vergonha de chegar nas meninas. Sempre acho que elas não vão gostar de mim. Assim como aconteceu no colégio uma vez. Gostei de uma menina, e ela não quis ficar comigo, me chamou de gordo e feio. Mas agora estou falando com algumas meninas no facebook. Mas fico meio sem jeito de falar pessoalmente. Mas quando dá no jeito vou. As meninas de hoje, só querem balada e beber. Eu não gosto de festa desse jeito. Gosto de ir ao cinema, jantar e ficar em casa assistindo filme e ouvindo música. Meus amigos saem e bebem demais, aí eu bebo água, e eles enchem meu saco. Daí prefiro ficar em casa”.*

É a partir da adolescência que a busca pelo amor e conseqüentemente pelo prazer se intensifica. Sobre essa forma de amar Freud (1930 apud Ferreira, 2010) preconiza que a mais intensa experiência referente a uma transbordante sensação de prazer vivida pelos seres humanos, refere-se a uma das formas na qual o amor se manifesta, o amor sexual. Porém, a tentativa ilusória de encontrar a felicidade através do amor é fracassada, uma vez que, justamente quando amamos é que nos achamos mais indefesos contra o sofrimento, e além do mais, quando perdemos o nosso objeto amado ou o seu amor nos sentimos desesperadamente infelizes.

## **ANÁLISE DE INFORMAÇÕES**

Diante dos relatos de Cícero podemos constatar, que de fato, o que ele sentiu no primeiro relacionamento amoroso que experienciou, foi um caso de amor dependente, haja visto que numa de suas falas ele relata que: *“Qualquer coisa que eu fazia que ela não gostava, ela gritava, me bloqueava e não falava comigo. Eu ficava triste. Eu ia atrás dela. Daí ela voltava. Eu não queria terminar o namoro, achava que ela ia mudar com o tempo” [...] “Eu não dormia mais, tinha que ficar só no quarto falando no facebook com ela. Eu perdi muito peso. Ela não deixava*

*eu comer. Me trancava na casa dela e não me oferecia comida. Passei muita fome. Ela comia na minha frente e não deixava eu comer. Ela me ofendia, mas eu ainda gostava dela”.*

Neste caso a parceira até possui a consciência de que não supri as necessidades afetivas do outro, mas não faz questão de supri-las ou sequer se incomoda com isso. Pelo contrário, incentiva a dependência de tal forma que passa a controlar as escolhas do outro, as amizades, as relações familiares, a forma de se comportar. A outra pessoa, (Cícero) em plena dependência emocional então, se vê cada vez menos valorizado, com a autoestima em pedaços, mas acredita que sua vida não faz mais sentido sem o outro, que os (poucos) momentos de afeto que recebe são suficientes, que ele não tem capacidade de ser mais amado ou melhor tratado e que ele deve lutar cada vez mais para preservar a relação, por mais destrutiva que ela possa ser (JANIRO, 2015).

Este contexto pode ser analisado, segundo Lino (2009), por meio da justificativa de que alguns autores que se dedicaram ao estudo da dependência amorosa, descobriram que intervêm três elementos no fenômeno da dependência amorosa: um comportamento continuado apesar das consequências físicas ou psicológicas adversas; obsessão ou preocupação; e sensação de que as coisas estão a fugir do controle.

Neste ponto devemos fazer uma observação fundamental para explicar esta patologia humana e, dessa forma, a natureza do sintoma. De acordo com Viganò (2007), trata-se do entroncamento no qual a experiência da psicanálise se destaca da Psicologia que, ao revelar aqui sua raiz filosófica, atribui a patologia a uma alteração da consciência. Freud descobriu que, ao contrário, o sintoma foge como tal ao controle consciente, porque é uma "formação do inconsciente". Essa formação advém sempre em dois tempos.

Entretanto, no tempo infantil, a lei edípica era o veículo da lei como tal, de um princípio universal do direito (supereu como interdição do incesto). Com a escansão puberal, abre-se o tempo no qual a função do pai se põe como mediação entre o supereu e o ideal do eu (o objeto é alcançável pela via simbólica, a demanda de amor que o erotiza). Essa mediação está na base da formação do sintoma, que representa o compromisso particular que um sujeito tem condição de fazer entre a exigência de renúncia pulsional e o desejo de satisfação, o fantasma inconsciente. O supereu, nesse ponto, torna-se uma alternativa à pulsão erótica, um investimento da renúncia, o prazer encontrado no sofrimento da renúncia ao objeto. O caso de certos momentos anoréxicos ilustra bem a tentativa do sujeito de se separar do objeto materno, sem encontrar no pai a função do dom, a função fálica da castração e, por isso, o recurso à lei como pura proibição legal (VIGANÒ, 2007).

Em outra fala de Cícero podemos constatar a possível origem do seu sintoma. Assim ele diz: *“Sou tímido, isso me atrapalha, tenho vergonha de chegar nas meninas. Sempre acho que elas não vão gostar de mim. Assim como aconteceu no colégio uma vez. Gostei de uma menina, e ela não quis ficar comigo, me chamou de gordo e feio”*. A crise da adolescência resguarda a capacidade do fantasma, a sua capacidade de organizar a decisão, não mais adiável, de decidir pela própria identidade sexual na relação de amor com o próprio semelhante e, por isso, com seu corpo. Não basta mais a promessa fálica; o que ocorre é o passar do ser fantasmático ao jogo do haver ou do não haver, do dar e do pedir.

Por isso, o sintoma tende a se manifestar nesse momento. Naturalmente, o que é colocado à prova real na adolescência traz à luz o que na infância era atado. Muitos jovens avisam que não têm os instrumentos subjetivos, isto é, uma vida inconsciente, para afrontar a prova. Então, tendem a prolongar a latência ou se bloqueiam depois da primeira tentativa de sedução. Tal bloqueio está na base das frequentes depressões na adolescência. Esses são muito difíceis de tratar porque o sujeito apresenta impossibilidade de falar dele; não pode elaborar a perda de um objeto que ainda não pode, ao menos, fantasiar. Por isso, viverá unicamente um sentimento de inferioridade ou de diversidade no confronto com seus contemporâneos (VIGANÒ, 2007).

O amor, segundo Silva (2013), atrai pela promessa do bem, mas cutuca uma ferida narcísica: expõe nossa carência, nossa falta em sermos completos como gostaríamos. Quando amamos, sofremos porque vemos no outro tudo que nos falta e queremos. Sofremos porque temos medo que o outro goste menos de nós e nos abandone, levando consigo uma parte nossa que nos desabita. Contudo, apesar de todas intercorrências que são inerentes a quem padece da dependência afetiva, não adianta impor nossa forma de amar, não adianta a doação incondicional ao objeto amado se dentro de nós não existir amor a si próprio. Aquele encontro conosco que (re)significa nossa experiência e nos coloca no lugar de sujeito nos tirando da posição de apenas desejante.

Sobre dizer se o caso de Cícero é ou não um caso de amor patológico, antes devemos esclarecer que assim como existem diferentes formas de amar, também existem diferentes formas de dependência nesses amores. Para Schaeffer (sd apud Lino, 2009) se considerarmos o amor romântico, esta dependência romântica aplica-se às situações em que o objeto da dependência amorosa é também objeto romântico. Esta pessoa-objeto pode ser um parceiro romântico ou apenas algo que existe apenas nas fantasias do dependente do amor. No tipo de amor físico, caracterizado pela atração sexual, a dependência surge quando o sexo se torna a

única experiência onde os três planos do prazer – a excitação, a saciedade e fantasia - estão satisfeitos.

Quanto à dependência amorosa no tipo de amor/afeição, esta surge nas relações amorosas na idade adulta que são ensombradas por experiências afetivas prematuras, em especial os vínculos com os pais durante o período da infância. O amor dependente é acompanhado com frequência por uma baixa autoestima.

Sobre o conceito de amor patológico, Sophia (2005) o define com base no que ocorreu no início do século passado, quando Freud descreveu o instinto amoroso chamado Eros, a partir da percepção de que uma histérica queria dizer algo (que não conseguia dizer com palavras), através de seu corpo. Entendido como tudo o que pode ser sintetizado como amor, Eros inclui: amor a si mesmo, aos pais, aos filhos, à humanidade, ao saber e aos objetos abstratos. O conceito de amor para Freud, portanto, é uma ampliação do conceito de sexualidade, definido como um conjunto de processos mentais internos que dirigem a libido do indivíduo para um objeto (parceiro) com objetivo de obter satisfação.

Ainda de acordo com Sophia (2005), autores mais recentes propõem que a atitude de fixar atenção e cuidados em relação ao companheiro é esperada em qualquer relacionamento amoroso saudável. Todavia, quando ocorre falta de controle e de liberdade de escolha sobre essa conduta, de modo que ela passa a ser prioritária para o indivíduo, em detrimento de outros interesses antes valorizados, está caracterizado um problema denominado amor patológico.

Para finalizar a análise do caso amoroso de Cícero, podemos destacar ainda uma de suas falas na qual ele relata: *“Mas agora estou falando com algumas meninas no facebook. Mas fico meio sem jeito de falar pessoalmente. Mas quando dá no jeito vou. As meninas de hoje, só querem balada e beber. Eu não gosto de festa desse jeito. Gosto de ir ao cinema, jantar e ficar em casa assistindo filme e ouvindo música. Meus amigos saem e bebem demais, aí eu bebo água, e eles enchem meu saco. Daí prefiro ficar em casa”*.

Neste momento, Cícero está preferindo o isolamento, no entanto é necessário ressaltar que, amar dá trabalho. E o ganho pode parecer pouco, especialmente quando se vive em um mundo como o nosso, que nos cobra a busca por um fictício estado prazeroso ininterrupto. O ganho que não está previsto nessa conta que soma êxtases, é aquele que não se percebe imediato: as transformações do eu na experiência da intersubjetividade. O “eu” não é um produto pronto e acabado na saída da primeira infância. O “eu” passa a vida se fazendo e se refazendo nas relações com o mundo. A falta de relações intersubjetivas autênticas impossibilita experiências da vida que são imprescindíveis para felicidade do eu. Ou seja, não nos bastamos, mesmo

quando acreditamos que é melhor não gostar de ninguém para evitar sofrimento. Evitamos as dores de amores pelo outro e afundamos nas dores do vazio de si mesmo (SILVA, 2013).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos considerar a partir do que foi visto neste trabalho até o momento, que as escolhas objetais da vida adulta, representa uma atualização das experiências amorosas parentais vivenciadas na infância. Assim sendo, o redimensionamento dessas experiências infantis, efetuarão um papel muitíssimo importante no que diz respeito às relações amorosas que serão estabelecidas ao longo da vida do sujeito.

Foi possível observar que, na tentativa permanente de busca pela felicidade, muitos seres humanos escolhem a via do amor. Por outro lado, esta opção, não atende as perspectivas de felicidade daquele que a escolheu, uma vez que é justamente, como nos lembra Freud (1930), quando se encontra apaixonado é que o homem se sente mais frágil e inseguro devido à possibilidade de perda de “seu” objeto de amor. E quando esta paixão é marcada pelo seu aspecto de intensidade desmedida, este fator nos leva a perceber que esse caráter de excesso é um dos motivos que faz com que a perda do objeto amoroso cause nos seres humanos um sofrimento também muito intenso.

O conhecimento e a análise do caso de Cícero nos serviram como reflexão sobre o amor e sua subjetividade, além disso, o estudo colabora principalmente com os sujeitos que se encontram em situação de dependência afetiva, para que se percebam enquanto sujeitos individuais, antes que os impactos da obsessão ou da perda desse objeto de amor venham causar transtornos e ou patologias em suas vidas.

Há ainda muita discussão a respeito das relações afetivas, das causas para sua fragilidade, e principalmente, da atuação do amor em meio a elas, sendo virtude, ou causando algum tipo de sofrimento. Sophia et al (2007) discorre que nos relacionamentos amorosos saudáveis existe a preocupação do cuidado e da atenção em relação ao parceiro, entretanto quando essas atitudes sofrem certo descontrole caracteriza-se um problema denominado amor patológico. Os autores discutem sobre suas características clínicas e diagnósticas, já que ainda não é um tema muito estudado. Eles dizem que muitos autores associam o amor patológico com outros transtornos ansiosos e psíquicos como depressão, transtorno obsessivo compulsivo, dependência de amor; entretanto estabelece um diagnóstico diferencial do amor patológico.

Sendo assim, o tema Amor Patológico não se encerra ao fim deste trabalho, mas abre espaço para novas pesquisas e novos estudos de caso.

## REFERÊNCIAS

ALVARENGA, L. L. de. **Uma leitura Psicanalítica do laço conjugal**. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1996. Coletâneas da Anpepp no. 1, p. 25-36). Universidade Santa Úrsula. Disponível em: <http://www.infocien.org>. Acessado em: 28/02/2016

ANDRADE, A. L. de; GARCIA, A.; CANO, D. S. **Preditores da satisfação global em relacionamentos românticos**. Psicol. Teor. Prat. vol.11 no.3 São Paulo, 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo>. Acessado em: 28/02/2016.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido: sobre as fragilidades dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2004. Disponível em: <file:///E:/Meus%20Documentos/Downloads/BAUMAN,%20Zygmund.%20Amor%20L%C3%ADquido.pdf>. Acessado em: 12/06/2016

BALLONE, Geraldo José. **Complicações do Amor**. PsiqWeb, Internet. Disponível em <http://www.psiqweb.med.br/>, revisto em 2007. Acessado em: 28/02/2016

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**: 3 ed. Lisboa: Edições 70, 2004.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1991.

DOMINGUES, Soraia de Castro. **O amor na sociedade – Quando a virtude se torna dor**. Brasília. D.F. 2013. Disponível em: <http://bdm.unb.br>. Acessado em: 17/11/2016

FACHIN, Odília. **Fundamentos de metodologia**. São Paulo: saraiva. 2001.

FERREIRA, Elen de Paula. **A separação amorosa: uma abordagem psicanalítica**. Psicanálise & Barroco em revista v.8, n.1: 56-97, jul. 2010. Disponível em: <http://www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista>. Acessado em: 06/06/2016.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

JANIRO, Ane Caroline. **Dependência emocional: o amor que aprisiona**. Disponível em: <https://psicologiaacessivel.net/2015/08/25/dependencia-emocional-o-amor-que-aprisiona>.

Acessado em: 15/11/2016

KLEIN, Melanie. **Amor, culpa e reparação e outros trabalhos**. (1921-1945). Tradução André Cardoso. Rio de Janeiro: Imago, Ed., 1996. 504 p.

LINO, Tiago Lopes. **A patologia do amor – da paixão à psicopatologia**. 2009. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0146.pdf>. Acessado em: 03/04/2016.

MURIBECA, Maria das Mercês Maia. **O enigma das paixões e suas vicissitudes amorosas**. UNIPÊ – Centro Universitário de João Pessoa. Trabalho apresentado no XX Congresso Brasileiro de Psicanálise do CBP e da XXXI Jornada de Psicanálise do CPMG – O sexual e as sexualidades: da era vitoriana aos dias atuais – 26, 27 e 28/09/2013.

NEVES, Ana Maria Silva; DIAS, Andreza S. Isconeto Ferreira; PARAVIDINI, João Luis Leitão. **A psicodinâmica conjugal e a contemporaneidade**. *Psicol. clín.* vol.25, no. 2, Rio de Janeiro, Jan./Jun. 2013. Disponível em: [\\_\\_http://dx.doi.org/10.1590/S0103-56652013000200005](http://dx.doi.org/10.1590/S0103-56652013000200005). Acessado em: 03/04/2016

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**. São Paulo: Martin Claret; 2002. Versão para Ebook/eBooksBrasil.com. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/zara.pdf> acessado em: 13/06/2016.

OLIVEIRA, Gilmara Aparecida Roriz de. **Escolhas Narcísicas de Objeto e Relações Amorosas na Atualidade**. Dissertação de Pós-Graduação Stricto Senso em Psicologia. Goiânia-2006. Disponível em: [http://tede.biblioteca.ucg.br/tde\\_busca/processaArquivo.php?codArquivo=158](http://tede.biblioteca.ucg.br/tde_busca/processaArquivo.php?codArquivo=158) Acessado em: 04/04/2016.

OLIVEIRA, Silvio Luiz de. **Tratado de metodologia científica**. São Paulo: Pioneira. 1997.

OUTRAMARI, Leandro Castro. Amor e conjugalidade na contemporaneidade: uma revisão de literatura. **Revista Psicologia em estudo**, vol. 14, n. 4, Maringá, 2009.

PLATÃO. **O Banquete**. Autor: Platão - Créditos da digitalização: Membros do grupo de discussão Acrópolis (Filosofia). 2000/2003. Versão eletrônica - Homepage do grupo:\_\_\_ <http://br.egroups.com/group/acropo> Acessado em: 20/03/2016.

PRETTO, Zuleica; MAHEIRIE, Kátia; TONELI, Maria Juracy Filgueiras. Um olhar sobre o amor no ocidente. **Revista Psicologia em estudo**, vol. 14, n. 2, Maringá, 2009.

RAUPP, Fabiano Maury. Metodologia da pesquisa aplicável às ciências sociais. In: BAUREN, Ilse Maria (Org.). **Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

REVISTA ELETRÔNICA MEMÓRIA GLOBO. **O Caso Eloá/História**. © 2013. Todos os direitos reservados a Globo Comunicações e Participações S.A. Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/coberturas/caso-elo/a-historia.htm> Acessado em: 04/06/2016

REVISTA ELETRÔNICA VEJA. **Sequestrador de Ana Hickmann foi ‘assassinado com crueldade e frieza’, diz irmã**. 24/05/2016 às 11:42 - Atualizado em 24/05/2016 às 11:50 disponível em: \_\_\_ <http://veja.abril.com.br/noticia/entretenimento/sequestrador-de-ana-hickmann-foi-assassinado-com-crueldade-e-frieza-diz-irma>. Acessado em 02/06/2016.

RIOS, Izabel Cristina. O amor nos tempos de Narciso. **Interface (Botucatu) [online]**, vol.11, n. 25, PP. 421-426, 2008.

RISO, Walter. **Amar ou depender?** Tradução de Marlova Aseff. 2009. Disponível em: \_\_\_[http://www.lpm.com.br/livros/Imagens/amar\\_ou\\_depender\(1\).pdf](http://www.lpm.com.br/livros/Imagens/amar_ou_depender(1).pdf). Acessado em: 04/04/2016.

ROCHA, Marlene Pereira. **Elementos da Teoria Winnicottiana na constituição da maternidade**. Dissertação – Mestrado em Psicologia Clínica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2006. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp008765.pdf>. Acessado em: 06/04/2016.

SCHLOSSER, Adriano. **Contribuições de Pesquisas Brasileiras sobre o Amor e Relacionamentos Amorosos.** Brígido Vizeu Camargo Trends in Psychology / Temas em Psicologia – 2014, Vol. 22, nº 4, 795-808 DOI: 10.9788/TP2014.4-10 Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-389X2014000400010](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2014000400010). Acessado em: 20/03/2016

SILVA, Christiane Souza de Andrade. **Os aspectos destrutivos da dependência nas relações amorosas.** Publicado na Edição de: setembro de 2013. Categoria: Psicologia Clínica. Disponível em: <https://psicologado.com/atuacao/psicologia-clinica/os-aspectos-destrutivos-da-dependencia-nas-relacoes-amorosas> Acessado em: 15/11/2016

SILVA, Paulo José Carvalho da. A dor de amor na medicina da alma da primeira modernidade. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, vol.11, n.3, pp. 475-487, 2008.

SOPHIA, Eglacy Cristina; TAVARES, Hermano; ZILBERMAN, Mônica L. **Amor patológico: um novo transtorno psiquiátrico?** Rev. Bras. Psiquiatria. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbp/nahead/ahead1c> Acessado em: 10/04/2016.

SOPHIA, Eglacy C; TAVARES, Hermano; ZILBERMAN, Monica L. Amor patológico: um novo transtorno psiquiátrico? **Revista Brasileira de Psiquiatria**, vol.29, n.1, pp. 55-62, 2007.

VIGANÒ, Carlos. **As dependências patológicas.** Tradução: Roseli Cordeiro Pereira. Mental v.5 n.9 Barbacena, 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo>. Acessado em: 15/11/2016

ZIMERMAN, David Epelbaum. **Os Quatro Vínculos: Amor, ódio, conhecimento e reconhecimento na psicanálise e em nossas vidas.** Artmed Editora, 2010.